



A ARTE CINEMATOGRAFICA: POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Helder Dantas Vieira

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO – CAMPUS OLINDA

Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT

TÍTULO

A ARTE CINEMATOGRAFICA: POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

ANO

2022

AUTORIA

Helder Dantas Vieira

ORIENTAÇÃO

Prof. Dr. José Henrique Duarte Neto

DIAGRAMAÇÃO

Cecília de Souza Vieira

ROTEIRO



Apresentação.....	4
Surgimento do Cinema.....	6
A Montagem Cinematográfica.....	8
O Plano Cinematográfico.....	10
Tipos de Montagem Cinematográfica.....	13
Mais Conceitos da Linguagem Cinematográfica.....	15
Sítios Eletrônicos para Assistir a Curtas-Metragens.....	17
Indicações Bibliográficas.....	18
Fontes das Imagens.....	19



APRESENTAÇÃO

Assistir a um filme no cinema ou na tela da televisão ou até mesmo pelos aparelhos portáteis (celulares, *tablets* etc.), a partir das plataformas de distribuição de conteúdos audiovisuais pela Internet, como, por exemplo, Netflix, Amazon, YouTube etc., tornou-se uma prática social comum no processo formativo humano, elevando a produção cinematográfica a um patamar importante na formação das diversas gerações.

No ambiente escolar, seja no Ensino Fundamental, Médio ou Superior, no campo das Linguagens, das Ciências Humanas, da Matemática, das Ciências da Natureza etc., a exibição de um filme, de curta ou longa metragem, documentário ou ficcional, *live-action* ou animação, seguida de debates, constituiu-se uma atividade muito presente nas práticas escolares, mas que ainda permanece subordinada ao tema definido na ementa da disciplina, limitando o potencial formador da produção cinematográfica, posto que essa tem no seu processo de realização inúmeros condicionamentos históricos que, ao serem observados, podem contribuir sobremaneira para o processo de ensino e aprendizagem.

Dito isso, acreditamos que a apropriação de conceitos básicos da narrativa cinematográfica é de importância fundamental para a melhor utilização desse arcabouço artístico no trabalho educacional e, para alcançarmos esse objetivo, como nos propõe a professora e pesquisadora Rosália Duarte, "[...] é necessário nos dispormos a conhecer o cinema, sua linguagem e sua história" (2002, p.21).

A presente cartilha, devido às próprias características desta modalidade de produto educacional, baseada principalmente na objetividade, não propõe tratar da totalidade da história do cinema, nem tampouco esgotar a complexidade das questões estéticas da Sétima Arte.

Entretanto, tentaremos indicar na estrutura do presente produto educacional, um caminho que provoque o interesse, por parte de professoras e professores, na busca de maior conhecimento do conteúdo sobre a arte cinematográfica, por meio de indicações bibliográficas, além de alguns conceitos básicos relativos à linguagem cinematográfica a exemplo de plano fílmico e montagem cinematográfica, como também de algumas reflexões que ultrapassem as meras reproduções a respeito dos significados constitutivos de um produto cinematográfico.

SURGIMENTO DO CINEMA



Ao final do século XIX, mais precisamente em 1895, os irmãos Auguste e Louis Lumière promoveram, em Paris, na França, um evento que seria considerado o nascimento do cinema. Ao acionarem o aparelho denominado de cinematógrafo, os espectadores assistiram a filmes de curta duração que mostravam cenas do cotidiano, como a chegada de um trem em uma estação ou a saída de um grupo de operárias e operários de uma fábrica ao final de uma jornada de trabalho.

Há relatos que, em uma dessas sessões, esteve presente um ilusionista que, encantado com o que acabara de ver, tentara comprar um dos equipamentos aos Lumière. Não tendo êxito em sua proposta, o inventivo George Méliès acabou desenvolvendo um equipamento semelhante e passou a produzir seus próprios filmes. Entretanto, registrar simples acontecimentos do cotidiano não satisfazia ao inquieto Méliès. Visionário e criativo, ele percebeu que o sequenciamento das cenas e as sobreposições das imagens registradas nos fotogramas possibilitariam a contação de histórias. Essas experiências de Méliès são consideradas como a gênese da linguagem do cinema.

A partir daí, a narrativa cinematográfica foi sendo aperfeiçoada. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, os filmes realizados por David Wark Griffith tornaram-se decisivos para a consolidação da narrativa, a partir das imagens em movimento. Ele aperfeiçoou a técnica fundamental da arte cinematográfica: a montagem. Logo, o cinema se tornaria a mais bem-sucedida forma narrativa do século XX, tanto nos EUA, que estabeleceu, a partir da busca incansável do lucro, a mais potente e influente indústria cinematográfica do planeta, difundindo hegemonicamente os valores da sociedade capitalista burguesa, quanto na então recém-estabelecida União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) que, em um movimento contrário, desenvolveu uma cinematografia com objetivos revolucionários e que teve no cineasta Sergei Eisenstein seu maior teórico e realizador.

Desde os primórdios, a arte cinematográfica tem passado por momentos históricos distintos e existido em diferentes geografias que implementaram as mais variadas estéticas, como, por exemplo: o Expressionismo Alemão, o Neorrealismo Italiano, a Nova Onda Francesa, o Cinema Novo Brasileiro, as vertentes do gênero documental (Cinema Verdade e Cinema Direto) etc., sendo esses alguns exemplos da diversidade de produções cinematográficas mundo afora, mostrando o quanto a Sétima Arte pode oferecer de possibilidades para o trabalho educativo.



A MONTAGEM CINEMATOGRAFICA

Iniciaremos o caminho para a compreensão da montagem cinematográfica a partir da unidade básica da narrativa fílmica: o plano. A representação cinematográfica mantém com a realidade uma relação de fragmentação, ou seja, o mundo real é representado na tela limitado pelas dimensões definidas no enquadramento (Grande Plano Geral e Plano Geral, Plano de Conjunto, Plano Americano, Plano Médio, Primeiro Plano e Primeiríssimo Plano ou Plano de Detalhe).

Este componente fílmico limita o espaço real, transformando-o em espaço artístico, subordinando-o à trama. Entretanto, o plano não deve ser compreendido somente como recorte espacial do real, posto que poderá também controlar o tempo de exposição das ações das personagens. Nesse caso, devemos também considerar como plano cinematográfico o tempo de exposição de uma ação entre as imagens, ou seja, antes que aconteça a transição entre elas (Corte Seco, Fusão, Efeitos etc.).

Assim, a temporalidade do real representado diferirá do tempo real concreto, a partir da segmentação rítmica, ou seja, o tempo que cada imagem permanece na tela. Mesmo um plano sequência, no qual, aparentemente, não há cortes, pode haver controle do tempo de realização de uma ação. Como referência, temos os filmes “Rope” (Festim Diabólico), 1948, de Alfred Hitchcock, e “Birdman”, 2015, de Alejandro González Iñárritu.



Os planos, entretanto, apesar de serem unidades estruturais autônomas, possuindo significações próprias, ao serem inseridos numa determinada sequência, ou seja, ao serem montados sequencialmente, superarão os seus sentidos isolados, em direção a uma unidade semântica mais complexa, caracterizando o que chamamos de montagem cinematográfica.

Trataremos, brevemente, da montagem cinematográfica, partindo da seguinte afirmação do semioticista russo Yuri Lotman (1978, p. 111): “Pode-se igualmente distinguir dois tipos de montagens cinematográficas: a associação de um plano a um outro plano e a associação de um mesmo plano a si próprio”. No primeiro caso, a diferença entre as imagens será o fio condutor para a articulação semântica entre os planos. Esse tipo de montagem tem a intenção de construir significações a partir de diferentes planos. Podemos identificar essas características em várias obras cinematográficas, como por exemplo, nos filmes dos soviéticos Sergei Eisenstein e Dziga Vertov. O segundo tipo de articulação entre os planos tem como objetivo principal a invisibilidade dos cortes, tornando a significação gradual da cena, focada na complementariedade das informações contidas nos vários planos, sendo essa, basicamente, a característica da montagem de filmes do universo da chamada narrativa cinematográfica clássica.

© PLANO CINEMATOGRAFICO

Grande Plano Geral ou Plano Geral – A câmera mostra de forma ampliada um cenário (ex. um conjunto de casas, uma ponte, uma rua movimentada).



Plano de Conjunto – Nota-se a presença humana, mas ainda um pouco distante. Tem como objetivo a ambientação ao local da cena (ex. uma sala de aula).



Plano Americano – Mostra-se uma determinada personagem do joelho para cima, dando ênfase ao movimento corporal desta (ex. o saque de uma arma).



Plano Médio – Revela a personagem da cintura para cima. É um plano bastante usado em situações de entrevistas (comumente em filmes documentários).



Primeiro Plano – Mostra o rosto de uma personagem, criando certa intimidade de quem assiste ao filme com esta, acentuando a emoção da cena.



Primeiríssimo Plano ou Plano de Detalhe – Mostra uma parte do corpo ou um objeto (ex. os lábios de uma pessoa ou a maçaneta de uma porta).



TIPOS DE MONTAGEM CINEMATOGRAFICA

- A associação de um plano a outro plano – Notemos que na sequência de imagens abaixo a intenção foi fazer uma analogia entre a pressão exercida pelo espremedor de frutas com a repressão policial ao movimento grevista no filme “A Greve”, 1925, de Sergei Eisenstein. Percebemos nessa montagem o choque intencional dos planos.



-
- A associação de um mesmo plano a si próprio – As imagens abaixo mostram o momento no qual Lampião e o seu bando de cangaceiros realizam um baile em plena caatinga, no filme “Baile Perfumado”, 1996, de Paulo Caldas e Lírío Ferreira. Durante a sequência, os planos passeiam pelo cenário, mostrando outras personagens, como os músicos e o cineasta que filmou o evento, exercendo a função de complementariedade da significação.





MAIS CONCEITOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA...

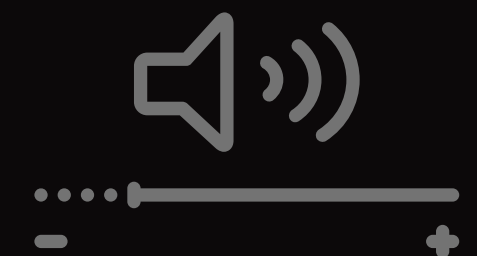
Ao decidir usar um filme como atividade escolar, consideramos importante que os docentes dominem alguns conceitos básicos da arte cinematográfica. Como não dispomos de espaço para uma abordagem abrangente, elencamos, além dos conceitos expostos anteriormente, como plano e montagem, alguns aspectos que podem estimular o interesse na busca do melhor aproveitamento do produto fílmico como recurso didático.

Iniciemos com um exercício comparativo da representação do mundo do trabalho em duas produções: “Tempos Modernos”, 1936, do diretor inglês Charlie Chaplin, e “Germinal”, 1993, do francês Claude Berri. O primeiro nos apresenta, comicadamente, a relação entre um operário e as máquinas em uma linha de montagem fordista, na primeira metade do século XX. Notemos que Chaplin opta por um cenário limpo, organizado e bem iluminado. Já Berri nos introduz em um ambiente fabril no contexto da Revolução Industrial na França do século XIX. Neste, as pessoas movimentam-se e aglomeram-se de forma caótica, crianças, inclusive, em um local de pouca luminosidade e propício à ocorrência de acidentes. As escolhas cenográficas (direção de arte) de uma produção cinematográfica podem nos dizer muito sobre as intenções e as concepções de mundo dos realizadores (roteirista, diretores, estúdios etc.).



No documentário “Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar”, 2019, o roteirista e diretor pernambucano Marcelo Gomes explora algumas possibilidades do som na narrativa cinematográfica. Em um plano de detalhe fixo, acompanhamos de forma sincrônica o som e a imagem de uma mão que opera uma máquina de costura, preparando bolsos de calça *jeans*. A certa altura, deixamos de ouvir o som ambiente (som diegético – captado na gravação) e passamos a escutar a voz do diretor (som não diegético – inserido na montagem), que inicia uma narração (em *off*, também colocado na montagem) explicando por que cortou a ambiência sonora. Logo em seguida, ele insere uma trilha musical à cena, que continua a nos mostrar os movimentos incessantes da pessoa levando o tecido à agulha da máquina. Gomes faz um inteligente exercício de metalinguagem, ao manipular o som da cena durante cerca de dois minutos, revelando o caráter manipulador da linguagem cinematográfica. Essa cena remete a uma sequência do filme “Um Homem Com Uma Câmera”, 1925, de Dziga Vertov, na qual vemos os movimentos repetitivos executados por várias operadoras em uma central telefônica, com planos de curtíssima duração, configurando um ritmo bastante acelerado da montagem.

Os aspectos descritos anteriormente servem para exemplificar como a linguagem cinematográfica é estruturada de vários elementos internos e externos que condicionam a significação do conteúdo fílmico. Por isso, identificamos a importância do domínio de conceitos básicos da arte cinematográfica por parte dos docentes para uso do produto fílmico em sala de aula, tanto da história como da linguagem da Sétima Arte.

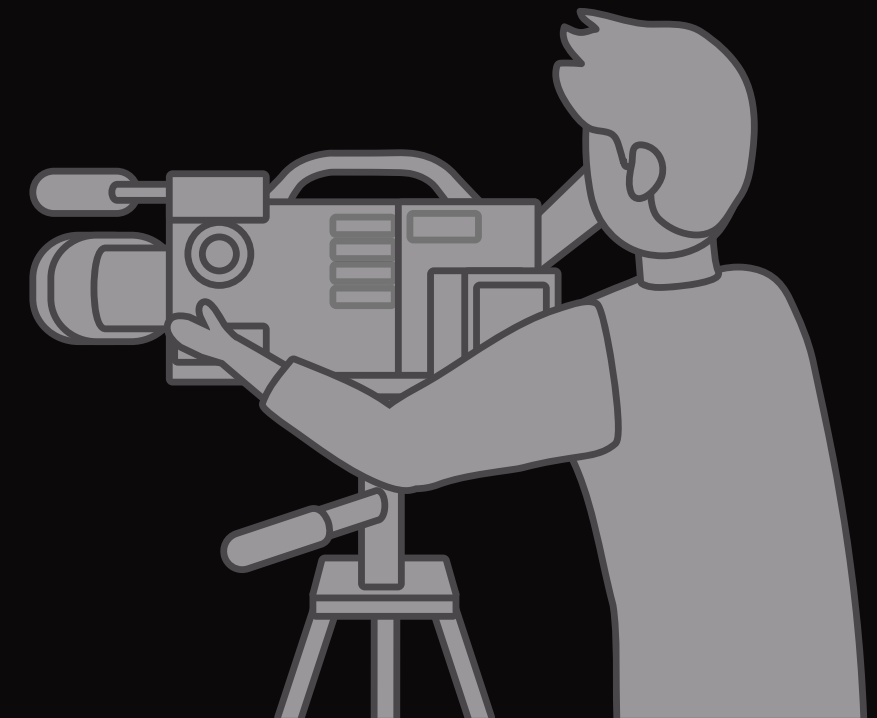


SÍTIOS ELETRÔNICOS PARA ASSISTIR A CURTAS-METRAGENS

Comumente, um filme de longa-metragem possui em torno de uma hora e meia a duas horas de duração. Esse aspecto se apresenta como um elemento dificultador ao uso em atividades em sala de aula, se considerarmos o tempo efetivo de uma aula, que dura, aproximadamente, entre 45 a 50 minutos.

Por isso, no intuito de contribuirmos para a superação dessa limitação, relacionamos abaixo alguns sítios eletrônicos que oferecem, gratuitamente ou por meio de assinaturas, acervos cinematográficos de curta-metragem:

- Curta na Escola: <https://curtanaescola.org.br/>
- Porta Curtas: <https://portacurtas.org.br/>
- CurtaDoc: <https://curtadoc.tv/>
- SESC Digital: <https://sesc.digital/home>
- Itaú Cultural Play: <https://www.itauculturalplay.com.br/>
- Vídeo nas Aldeias: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>



INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS



LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

- ALEA, Tomás Gutiérrez. Dialética do Espectador. São Paulo: Summus, 1984.
- AUMONT, Jacques. MARIE, Michel. Dicionário Teórico e Crítico de Cinema. Campinas: Papirus, 2003.
- BAZIN, André. O Cinema: Ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BENJAMIN, Walter. A obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- EISENSTEIN, Sergei. O Sentido do Filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LOTMAN, Yuri. Estética e Semiótica do Sinema. Lisboa: Estampa, 1978.
- MORIN, Edgar. O Cinema ou o Homem Imaginário. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- ROCHA, Glauber. Eztetyka da Fome. 1965. Disponível em: <https://hambrecine.files.wordpress.com/2013/09/eztetyka-da-fome.pdf>. Acesso em: 04 de abril de 2021.
- STAM, Robert. Introdução à Teoria do Cinema. Campinas: Papirus, 2006.
- VIANA, Nildo. A Concepção Materialista da História do Cinema. Porto Alegre: Asterisco, 2009.

HISTÓRIA DO CINEMA MUNDIAL

- BALLERINI, Frantjesco. História do Cinema Mundial. São Paulo: Summus, 2020.
- HAUSTRATE, Gaston. O Guia do Cinema: Iniciação à História e Estética do Cinema. Lisboa: Pergaminho, 1991.
- MASCARELLO, Fernando (org.). História do Cinema Mundial. Campinas: Papirus, 2006.

HISTÓRIA DO CINEMA BRASILEIRO

- BERNARDET, Jean-Claude. Brasil em Tempo de Cinema. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FIGUEIRÔA, Alexandre. Cinema Pernambucano: uma história em ciclos. Recife: FCCR, 2000.
- LEITE, Sidney Ferreira. Cinema Brasileiro: das origens à retomada. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- RAMOS, Fernão (org.). História do Cinema Brasileiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- ROCHA, Glauber. Revisão Crítica do Cinema Brasileiro. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
- XAVIER, Ismail. O Cinema Brasileiro Moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FONTES DAS IMAGENS

IMAGEM 1

Cinematógrafo. <https://www.youtube.com/watch?v=wovhikemM98>

IMAGEM 2

Filme: Viagem à Lua – Georges Méliès – 1902 –
<https://www.youtube.com/watch?v=ZNAHcMMOHE8>

IMAGEM 3

Filme: Intolerância – D. W. Griffith – 1916 –
<https://www.youtube.com/watch?v=5Ej7S6WdaPA>

IMAGEM 4

Filme: O Encouraçado Potemkin – S. Eisenstein – 1925 –
https://www.youtube.com/watch?v=a_bkBbrdyyw

IMAGEM 5

Filme: O Jovem Marx – Raoul Peck – 2017 –
<https://www.youtube.com/watch?v=DIba6lgr32k>

IMAGEM 6

Filme: Eu, Daniel Blake – Ken Loach – 2016 –
<https://www.youtube.com/watch?v=129PJlj-q6E>

IMAGEM 7

Filme: Deus e o Diabo na Terra do Sol – Glauber Rocha – 1964 –
<https://www.youtube.com/watch?v=OhDUwtOBVIO>

IMAGEM 8

Filme: O Prisioneiro da Grade de Ferro – Paulo Sacramento – 2003 –
<https://www.youtube.com/watch?v=dllv7Pg5Ud0>

IMAGEM 9

Filme: Vidas Secas – Nelson Pereira dos Santos – 1963 –
<https://www.youtube.com/watch?v=09y5700wLcA>

IMAGEM 10

Filme: Central do Brasil – Walter Salles – 1998 –
<https://www.youtube.com/watch?v=WTRqZWKPgbs>

IMAGENS 11 a 13

Filme: A Greve – Sergei Eisenstein – 1925 –
<https://www.youtube.com/watch?v=VD40vLjRaNA>

IMAGENS 14 a 16

Filme: Baile Perfumado – Paulo Caldas e Lírio Ferreira – 1996 –
<https://www.youtube.com/watch?v=fFVITetNGM4&t=2240s>

CONTINUA...



PROFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



INSTITUTO
FEDERAL
Pernambuco